

TREINANDO E ESTUDANDO PUNHOBOL: A difícil tarefa de conciliar esporte e escola para praticantes de um esporte de rendimento na cidade de Novo Hamburgo

Leandro Forel¹
André Luis da Silva²

Resumo: A difícil tarefa de conciliar esporte e escola na juventude e entender como este processo funciona associando-o a escolarização é, de certa forma, desafiador. Este artigo, fruto do resultado de uma dissertação de mestrado, estudo buscou discutir a relação entre a escolarização e o treinamento de crianças e jovens, procurando entender quais são as tensões produzidas entre a escola e as entidades formadoras de atletas e esses sujeitos. Compreender a configuração dessas relações pode, de certa maneira, auxiliar no entendimento de como cada instituição pode agir a fim de buscar uma forma de auxiliar esses jovens em suas vivências escolares e esportivas.. Este estudo foi realizado em um clube da cidade de Novo Hamburgo, em meio a pandemia de Covid-19³, em 2020, com atletas das categorias adulto masculino e feminino, os quais foram entrevistados e suas respostas analisadas, a fim de discutirmos esta relação entre esporte e escola na juventude. Percebemos que a relação da família, assim como de amigos e do clube é fundamental para que estes jovens atletas consigam conciliar estas duas exigências. Este estudo qualitativo não busca responder perguntas, mas sim acrescentar problematizações acerca do treinamento esportivo entre os jovens e sua escolarização, e de que maneira eles lidam com estas duas exigências, buscando promover discussões importantes que visam auxiliar instituições de ensino e equipes de competição.

Palavras-chave: Estudante-atleta. Treinamento. Escolarização.

Abstract: *The difficult task of reconciling sport and school in youth and understanding how this process works by associating it with schooling is, in a way, challenging. This article, the result of a master's thesis, sought to discuss the relationship between schooling and training of children and young people, seeking to understand the tensions produced between the school and the training institutions of athletes and these subjects. Understanding the configuration of these relationships can, in a way, help in understanding how each institution*

¹ Doutor em Ciências do Movimento Humano - UFRGS.

² Mestre em Educação - UERGS.

³ Pandemia que se iniciou na China e que afetou segundo a Organização Mundial da Saúde mais de 200 países desde dezembro de 2019.

can act in order to seek a way to help these young people in their school and sports experiences. This study was carried out in a club in the city of Novo Hamburgo , in the midst of the Covid-19 pandemic , in 2020, with male and female adult athletes, who were interviewed and their responses analyzed, in order to discuss this relationship between sport and school in youth. We realize that the relationship between family, friends and the club is essential for these young athletes to be able to reconcile these two demands. This qualitative study does not seek to answer questions, but rather to add problematizations about sports training among young people and their schooling, and how they deal with these two requirements, seeking to promote important discussions that aim to help educational institutions and competition teams.

Keywords: *Student-athlete. Training. Schooling.*

Introdução

Atualmente, o esporte vem tomando forma de espetacularização (BETTI, 2002), na qual o atleta é considerado um super star, recebendo milhões em salários e patrocínios, e mexendo com o imaginário dos futuros atletas, principalmente em esportes de massa, como o futebol.

Ao mesmo tempo, clubes de futebol que trabalham na formação de atletas também possuem papel fundamental para fomentar este sentimento de que o esporte “salva”, e que o sucesso esportivo está acima de qualquer necessidade de escolarização e, “para quem não for exitoso ao final do processo, todo o investimento terá sido inócuo, ou próximo a isso. ” (DAMO, 2015 p.271)

A formação escolar e a participação nos esportes de alto rendimento são duas atividades com altos padrões de exigência para os estudantes envolvidos, segundo Brettschneider (1999). Quando as duas atividades são praticadas simultaneamente, podem provocar dificuldades no dia-a-dia dos estudantes-atletas.

Pensar o esporte como uma forma única de potencializar habilidades na escola pode se tornar uma armadilha um tanto perigosa, pois que muitos são os fatores que determinam se os estudantes-atletas têm ou não um rendimento satisfatório em sua escolarização. Concordo com Thomassim & Stigger (2009) quando defendem que os aspectos mencionados podem ser

facilmente comprovados através de simples depoimentos, os quais atestam as características positivas do atleta nas experiências esportivas, contrastando com um comportamento oposto enquanto estudante na escola.

Neste sentido, o pressuposto desta crença na introjeção de valores positivos - essa ideia de que um comportamento acordado no contexto de uma atividade valerá para outros momentos e lugares da vida dos sujeitos - merece alguma discussão. Isso porque, contrariamente a essa posição, todos temos exemplos em que simples depoimentos e observações de campo nos fazem pensar, ao indicarem situações como: “o menino era muito disciplinado e centrado no judô, mas agressivo na sua escola”. Sendo comum também a quase todo professor que um aluno possa ser competitivo e aguerrido durante uma prática esportiva, mas pacato e cooperativo nas relações com seus colegas em outros ambientes (p.9).

É a partir desta constatação, um tanto quanto empírica, que se buscou este problema de pesquisa: como os praticantes do Punhobol significaram sua escolarização e como eles lidaram com estas duas exigências: a escola e o esporte?

Metodologia de Pesquisa

A investigação qualitativa consiste, em estudar e interagir com as pessoas em seu terreno, com a sua linguagem, sem recorrer a distanciamento que levaria a um emprego de formas simbólicas estranhas a seu meio. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Ela supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra pelo trabalho intensivo de campo (LESSARD, 1990; LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Para este estudo, foi escolhida a pesquisa qualitativa exploratória, a fim de possibilitar uma riqueza maior de detalhes e de, a partir deles, buscar o entendimento dos significados para estes estudantes-atletas da escola e do

treinamento. As observações, o diário de campo, e a entrevista semiestruturadas foram alguns dos instrumentos utilizados para a coleta de dados. Ela pressupõe o contato direto e prolongado do observador com esse ambiente e com a situação que está sendo investigada, via de regra pelo trabalho intensivo de campo (LESSARD et al, 1990; LÜDKE; ANDRÉ, 1986). A partir das combinações feitas com os treinadores e com a diretora do departamento, iniciei as observações de campo em 05 de outubro de 2019, voltando a vivenciar uma rotina bem conhecida por mim, a de entrar no clube, no qual passei mais da metade da minha vida (como atleta e, depois, como treinador), dessa vez com outro propósito, enquanto pesquisador.

Durante todos os meses, até dezembro, pude participar e observar a rotina de jovens atletas em treinamentos e em uma competição. Assim, foi possível perceber as características do treinamento atualmente e principalmente estar em convívio com o meu objeto de estudo. Então, vieram as férias e, em fevereiro de 2020, quando reiniciariam as observações de campo, junto ao início da temporada, o mundo foi impactado por uma pandemia, o que acarretou modificações sociais e públicas significativas em todo o mundo. Tendo eclodido primeiro em Wuhan, na China, a Covid-19 fez vítimas e dividiu opiniões políticas e médicas no mundo todo.

Diante disso, optei por uma mudança metodológica na coleta de dados a fim de manter o objetivo de investigar o problema de pesquisa proposto. Assim, passei a adotar o modelo de entrevista semiestruturada.

Foram definidos, então, alguns critérios para a escolha dos entrevistados, tendo em vista a mudança brusca no método de pesquisa. Como minha participação no campo havia sido muito pequena, não tendo ainda a oportunidade de criar uma certa 'intimidade' com os sujeitos da pesquisa – a saber, os atletas –, optei por escolher ex-atletas ou atletas veteranos com quem eu já possuía algum tipo de relação, a fim de 'encurtar' caminhos e por imaginar que, dessa forma, a coleta de informações aconteceria de maneira mais natural e espontânea.

Resultados e Discussões

A Equipe Esportiva e a Escola

As exigências tanto de um ambiente quanto de outro podem ser um tanto antagônicas quando paramos para analisar quais são as exigências de cada uma. Por um lado, a escola busca a formação pedagógica e cognitiva do aluno, buscando sempre aprimorar conceitos teóricos e de formação técnica, a fim de entregar para a sociedade um indivíduo capaz de suportar a concorrência no mercado de trabalho (PAGGIARO e CALAIS, 2009). Por outro lado, as equipes formadoras de atletas buscam formar indivíduos de maneira muito específica, buscando desenvolver habilidades particulares de determinado esporte, deixando muitas vezes de lado conceitos e referências educacionais positivas, como ir bem na escola, priorizando o resultado esportivo e relacionando-o ao sucesso e muitas vezes desmerecendo conquistas que não estejam ligadas ao esporte (DAMO, 2005).

A formação de atletas jovens é um tema vasto, cheio de dilemas e discussões. Buscar apreender o que essas questões significam para eles pode amplificar o entendimento sobre as relações entre escola e esporte: essa é também uma das propostas deste estudo.

A articulação da pesquisa de campo de caráter etnográfico, interrompida pela pandemia, e o uso de entrevistas tem como mote romper com essa lógica dicotômica. Não restam dúvidas de que o esporte competitivo, e em especial o Punhobol, se constitui através de uma experiência socializadora (LAHIRE, 2005) impactante. Gostaria de chamar a atenção, porém, para o fato de que esses sujeitos, que estão em idade escolar, são atravessados também por outra experiência socializadora impactante: a proporcionada pela escola.

Essas experiências, muitas vezes, são determinantes para a permanência do atleta no esporte e para o estabelecimento de vínculos de amizade. Por ser também um esporte muito familiar, passado de geração para geração, as competições nacionais e principalmente as internacionais acabam

incentivando momentos de integração e de comensalidades (FORELL, 2014) que reforçam esses laços e essas interrelações.

Mais do que chegar a soluções, o que pretendi com esta pesquisa foi olhar os detalhes, de maneira microscópica, no sentido atribuído por Geertz (1989), buscando entender como esses sujeitos compuseram arranjos que proporcionaram construir sua vida.

Formação de atletas em idade escolar

Além das questões que envolvem o estudante-atleta em suas relações com a escola, também se faz pertinente um olhar de como este sujeito é formado nas equipes de competição ou em projetos esportivos, como se dá esta relação, agora de atleta com o treinamento e suas dificuldades e como esta relação influencia sua maneira de relacionar-se com a escola.

Para Machado (2006), o esporte competitivo pode causar um estresse aos seus praticantes. Crianças e jovens que praticam esportes individuais possuem índices mais altos de estresse em comparação aos que praticam esportes coletivos. Baseado nesta constatação fica minha indagação: de que forma este estresse competitivo pode interferir, se é que interfere, nas questões relacionadas com a escola e com a vida social deste atleta? Pode um ambiente de estresse no esporte facilitar o estudante-atleta na sua organização diária? O que leva um atleta a submeter-se a este tipo de stress e continuar competindo?

Outro estudo que referenda a iniciação desportiva precoce é o estudo de Milistetd et al (2010), que investigou a concepção dos treinadores 'experts' brasileiros na formação de jogadores de Voleibol, neste estudo os autores destacaram que a idade de iniciação para o esporte competitivo é que irá determinar o seu sucesso e permanência a longo prazo.

O futebol é um dos exemplos em que crianças, quando iniciam a vida nos treinamentos, vislumbrarem um futuro promissor dentro do esporte, ganhando altos salários e melhorando sua condição social. Porém a realidade é bem

diferente, pois desde cedo a criança se depara com duas exigências antagônicas, a do treinamento intenso de futebol, que pode chegar a 5000 horas (DAMO, 2005 p.14), e das exigências corporais culturais da escola que acredita nestes valores como ascensão social.

Essa carreira exige dedicação integral e extenuante trabalho corporal para aqueles que pretendem entrar nesse afunilado mercado. Todavia, é nesse mesmo período da vida que a Educação Básica, em tese, exige da jovem dedicação na incorporação de capital cultural para que possa ser uma das chaves de acesso ao mercado de trabalho. (SOARES et al, 2009 p. 02)

A forma de como o atleta interage com o treinamento e do nível de importância que ele dá a este esporte também pode influenciar em seu comportamento e talvez interferir no seu rendimento escolar, assim como nos relata Thomassim (2010) quando este descreve em sua tese que pesquisou o cotidiano de crianças e jovens que participam de projetos sociais as diferenças entre dois “personagens” descritos por ele, em que fica muito claro a intenção de um aluno, mais determinado e outro que está ali para participar.

Poderíamos fixá-los nas leituras simplificadas de que Miro se frustra ao competir por uma chance no esporte profissional, e que Binho, por sua vez, satisfaz-se com um tipo de esporte cujo sentido está em “participar”. Não sendo totalmente falsas, essas imagens tendem a simplificar, como disse, os sentidos que estão em jogo e principalmente as possibilidades de analisá-los. (THOMASSIM, 2010 p.220)

Em outro sentido, podemos observar na pesquisa de Vissoci et al (2017), que relatam que na construção de um atleta profissional em determinado momento ele deve escolher entre os estudos e o esporte, pois conciliar os dois se torna em determinado momento muito difícil.

Relata decepcionar seus pais por se dedicar muito ao Futsal e pouco aos estudos: “[...] é que eu acabei deixando pra trás, que quando eu fui ver que aula não era pra mim, não tinha cabeça mais para estudar porque eu tava muito atrás dos outros alunos”. Seu discurso tem uma direção de heteronomia, com o sucesso sendo

representado pela adequação de sua identidade ao que é esperado de um atleta (Política de Identidade). (VISSOCI et al, 2017 p. 61)

Neste mesmo estudo, que procurou investigar a formação das identidades atléticas de jogadores de futsal em sua vivência esportiva, desde as categorias de base até sua profissionalização, percebemos em um dos casos a forte influência da família que se faz presente em todos os momentos do processo, o que acaba por influenciar suas escolhas, modificando também sua formação de identidade atlética.

Em outro momento identificamos uma grande proximidade com o Punhobol no que tange sua ascensão pessoal dentro do esporte, tendo em vista que poucos atletas são “profissionais”, e muitos dos praticantes da modalidade, acabam idealizando realizações diferentes daquelas que se busca a independência financeira (ser profissional) e sim de um reconhecimento dentro da modalidade (ser selecionado para a seleção brasileira ou ser convidado a jogar em clube da Europa). É o que reforça neste trecho de Vissoci et al (2017) que publicaram um estudo sobre a identidade atlética e a associam ao desempenho positivo e a capacidade de enfrentar o estresse,

Percebe-se que sua personagem atleta está associada a uma brincadeira, uma atividade prazerosa. Sua escolha em ser um jogador representa um movimento autônomo, potencialmente influenciado pela cultura brasileira de “amor ao futebol” e pelo irmão. A prática do Futebol se torna relevante para sua formação indenitária, disputando campeonatos, sendo reconhecido por sua atividade. (p.61)

O trabalho de Vianna e Lovisolo (2011) nos traz um recorte interessante, os autores estudaram a percepção dos educadores de projetos de inclusão social em comunidades populares na cidade do Rio de Janeiro, estes resultados evidenciaram que estes professores não percebem o esporte como uma ferramenta de ascensão para estes jovens de comunidades populares, assim como não acreditam no esporte como meio de formação pessoal e profissional.

Para determinados esportes, a esperança de uma ascensão social, profissional e pessoal é tão grande que a prática esportiva acaba se tornando o principal objetivo deste jovem, é o que encontrou Bossle e Oliveira (2013) quando realizaram um comparativo entre a preparação esportiva em dois clubes tradicionais de Porto Alegre e a formação escolar e encontraram uma unanimidade entre os estudantes-atletas no que diz respeito a priorizar a formação atlética em detrimento da formação 'acadêmica', apesar de nenhum deles desmerecer a escola. Esta inversão de prioridades pode ser decisiva no rendimento escolar destes estudantes-atletas.

Estas investigações reforçam a ideia de que mais pesquisas devem ser realizadas na área do treinamento e escola, estudos que possibilitem uma discussão mais ampla e democrática, a fim de encontrarmos soluções que visem a qualidade dos jovens estudantes-atletas.

Esporte e Escola: entre mitos e verdades

A escola sempre foi um agente regulador e normativo para a criança e para o jovem devido às exigências de horários, avaliações e cumprimento de regras (SEVERO, 2014). Essa instituição também sempre exigiu o conhecimento pedagógico, relacionando-o com o sucesso pessoal: 'se você não estudar, não será ninguém na vida'. Somamos a isso o fato de que esse estudante, pratica um esporte de competição, que também exige dedicação, comprometimento, cooperação e responsabilidade, afirmando a todo o momento que 'se você não treinar, não será um campeão e não terá sucesso'. Como lidar com todas essas exigências? Como conciliar esses dois mundos? Quais os significados dessas questões para estudantes-atletas?

Diferentemente das minhas experiências pessoais, os relatos feitos pelos entrevistados apontam para uma certa facilidade em conciliar esses dois mundos. É claro que nem todos podiam ser considerados os melhores alunos da escola; porém, é consenso que o ambiente escolar não atrapalhava o esporte, assim como o esporte não dificultava os afazeres pedagógicos. Naquela época, a importância que eles davam ao esporte era tanta que a

cobrança do treinador era mais importante que a cobrança dos pais. Eles, ao sentirem-se cobrados pelo treinador, que impunha uma ‘punição’ em caso de o atleta não estar indo bem na escola, fazia com que eles estudassem e se dedicassem à escola para não ficarem de fora da equipe ou de uma determinada competição.

Entrevistado 9: O nosso treinador de vôlei teve uma época que ele exigia, não nota nem boletins nem nada, mas assim, o que ele dizia: ‘se eu tiver reclamação de pai e mãe que vocês não estão indo bem na escola, por causa do vôlei vocês não vão jogar vôlei comigo, vocês vão ficar no banco, vocês não vão fardar⁴’ ele nunca exigiu a nota, mas ele não queria que o pai e a mãe reclamassem: ‘então vocês estudem para poder continuar jogando’.

Essa relação entre o esporte e a escola sempre foi pautada pelo choque de interesses. Por um lado, uma instituição que visa a formação do cidadão de forma geral, oportunizando conhecimentos gerais, para dar condições a esse estudante de, no futuro, buscar uma profissão. E, por outro lado, o esporte, com suas questões particulares, muitas vezes exigindo também desse estudante-atleta dedicação e comprometimento para, através disso, buscar um alto rendimento e, por consequência, as vitórias.

. As relações que são construídas dentro da instituição entre professores e estudantes também são fundamentais para que o educando se sinta parte integrante do processo e tenha ‘motivação’ para cumprir as exigências pedagógicas; caso contrário, está fadado ao insucesso escolar.

Ele foi excluído da escola na 5ª série do ensino fundamental, não retomando os estudos desde então. A escola é lembrada como um espaço que não o envolvia, distante dos seus interesses e necessidades: A escola não me cativava, não me despertava interesse, era um saco... aí eu fui desinteressando pelo estudo... Lembra com mágoa das três reprovações; da imagem de mau aluno que tinha envolvido em brigas e discussões com as professoras.

⁴ Expressão muito utilizada no meio esportivo para designar aquele atleta que irá para o jogo, ou seja, que irá colocar o fardamento de jogo e poderá participar.

Segundo ele, a única lembrança boa é de uma professora que mandou um bilhete para a sua mãe, dizendo [...] que eu era carente e que eu precisava de carinho. Que eu não era tão moleque como minha mãe imaginava. Depois disso, né, fiquei na maior empolgação com ela, eu até me apaixonei por ela. Além disso, havia a necessidade e o desejo de trabalhar, para atender às demandas mínimas de consumo e lazer. Atualmente reconhece que a falta de um diploma diminui suas possibilidades no mercado de trabalho e se diz arrependido de não ter concluído o ensino básico, o que contribui para minar a sua auto-estima (DAYRELL, 2007 p.163).

Apesar das duas perspectivas estarem constantemente entrando em colisão, provocando, em alguns casos, uma certa dificuldade, para alguns estudantes-atletas, em lidar com elas, para outros, elas eram percebidas de maneira diferente. A rotina de estudos e de treinamentos era tratada de maneira muito natural, a ponto de os entrevistados relatarem que não tinham problemas de rendimento escolar e que isso não interferia nos treinamentos esportivos.

Entrevistado 6: Eu sempre fui muito bom na escola porque eu sempre tive muita concentração sempre tive muito raciocínio rápido, muito trabalho em grupo, tudo por causa do esporte então o esporte ele me ajudou muito na minha formação de como pessoa como profissional né.

Para os entrevistados, o esporte e a escola completavam-se: um era potencializador do outro. Portanto, essa relação era, em certa medida, benéfica para esses estudante-atletas, que viam no esporte uma ferramenta de auxílio nas questões escolares, principalmente no que se referem à concentração e à organização. A influência do treinador, o apoio familiar e o perfil de cada um desses jovens são alguns dos pontos que identifiquei nesta pesquisa como determinantes para que esses sujeitos, quando jovens, pudessem conviver com as duas exigências – a saber, a da escola e a do esporte. A partir dessa convivência, eles puderam tirar o melhor proveito dos dois mundos e, assim, obter bons resultados.

Mas o que é ter ‘bons resultados’? Ser o melhor atleta da equipe? Tirar as melhores notas na escola? A noção de sucesso para todos aqueles

entrevistados nesta pesquisa é diferente. Estar em uma competição internacional, ser convocado para a seleção brasileira, chegar em uma final de campeonato de maneira inédita, construir relações de amizade dentro do esporte (e que depois acabam estendendo-se para a vida toda), constituir família a partir do esporte, morar no exterior...são esses conceitos de sucesso bem diferentes daqueles comumente idealizados, onde apenas o primeiro lugar, o melhor da equipes, o mais rico, é o sujeito que atingiu o sucesso na vida.

Ao observarmos o ambiente esportivo, com suas particularidades e características, podemos encontrar dentro dele várias faces do tão almejado sucesso, como falei anteriormente; diante disso, para muitos dos entrevistados, a relação com a escola não era tão desafiadora assim. A partir disso, comecei a questionar: mas o que é 'ir bem' na escola? Dar conta do conteúdo pura e simplesmente? Tirar boas notas? Não repetir de ano?

Trazer essa discussão à tona é também buscar entender de que maneira os estudantes-atletas são impactados em meio a essa constante batalha entre esporte e escola. É sempre muito claro no entendimento dos pais que, quando o filho não está indo bem na escola, é por causa de alguma outra atividade que ele esteja fazendo e que está 'atrapalhando' seu rendimento escolar. Mas será que isso é assim mesmo? Para alguns dos entrevistados, lidar com essas duas exigências não foi tão fácil assim. Eles apontaram que tiveram, sim, algum tipo de dificuldade na escola; porém, para eles, essa dificuldade não estava relacionada diretamente com o esporte. Segundo esse entrevistado, era a sua própria maneira de ser na juventude que propiciava a dificuldade escolar:

Entrevistado 1: Os meus percalços na escola não teve a ver com o esporte, eu não fui mal na escola por participar de esporte ou por falta aula tá, não dá para vincular as duas coisas, duas coisas separadas, fui mal na escola por outros motivos, não foi por causa do esporte, então só para te deixar isso claro, não repeti de ano na escola por causa do esporte, foi por vagabundagem minha mesmo.

Mas será que essa ‘vagabundagem’ não estava relacionada com a sua ascensão no esporte na época? Com as preocupações com viagens, seleção brasileira, treinamentos? Quando questionados, os entrevistados que não tiveram esse ‘bom relacionamento’ com a escola eram enfáticos em reproduzir sempre a mesma ideia, de que o esporte não foi culpado pelos baixos rendimentos escolares.

Conclusão

Apesar de entender que o esporte pode ser uma ferramenta muito importante e eficaz na construção da personalidade daquele que o pratica, e que ele auxilia na formação desse enquanto cidadão – potencializando características como: respeito, disciplina, liderança, autonomia, coleguismo, entre outros –, também entendo que não é única e exclusivamente dele essa responsabilidade. São necessários vários segmentos que se completam, como: escola, família, amigos. Pensar que o esporte sozinho teria essa força é simplificar um processo extremamente complexo (THOMASSIM, 2010; STIGGER e THOMASSIM, 2009).

Buscar a harmonia entre os dois, conseguir conciliar de forma qualitativa as duas exigências, é talvez o grande desafio de estudantes-atletas e, por consequência, de seus treinadores e educadores, pois conhecer esses dois mundos é fundamental para que ambos possam orientar de forma qualitativa esse sujeito. Para alguns dos entrevistados, talvez a questão central dessa discussão não esteja na facilidade ou na dificuldade de conciliar esses dois mundos, mas sim naquilo que essas duas realidades distintas podem oferecer para auxiliar o estudante-atleta na organização de suas responsabilidades, tanto escolares, quanto esportivas, principalmente no que se refere ao esporte. É o famoso ‘foi o que o esporte me ensinou’.

Lidar com esses dois mundos nunca foi e nunca será uma tarefa fácil, apesar de alguns estudos apontarem para uma certa ‘facilidade’ dos esportistas de conciliarem o esporte e a escolarização (JUCHEM, 2013; OLIVEIRA 2012;

MACHADO, 2006). Na prática, pude perceber que essa aparente facilidade vinha atrelada a alguns importantes fatores externos, como a família, o perfil do treinador e o incentivo da escola, o que muitas vezes auxilia na condução das responsabilidades.

A escola de hoje não retrata os anseios dos jovens; ela ainda possui resquícios de uma outra época, exigindo comportamentos encaixotados e padronizados, aleijando a produção juvenil, exigindo padrões e regulações: “em sua constante busca pelo enquadramento dos sujeitos, a escola normatiza o tempo, produzindo sujeitos temporalmente controlados. Esse tempo serve de medida comum para todos os sujeitos” (SEVERO, 2014, p. 48).

Por fim, ressalto que este estudo não visa apresentar uma fórmula pronta para este problema, dos estudantes-atletas que praticam esportes de rendimento ou de competição e ainda estão na escola, mas, sim, oferecer ferramentas de análise para que as entidades envolvidas com esses jovens possam desempenhar um papel como colaboradoras no desenvolvimento deles de maneira integral e para que esse processo possa melhorar as expectativas de estudantes-atletas em relação a esses espaços.

Entendo que muitos são os fatores associados ao sucesso ou ao fracasso dentro e fora do esporte. Entretanto, eles são diferentes para cada jovem. As particularidades de cada família, de cada escola, assim como de cada atleta é que irão determinar de que forma os estudantes-atletas conseguirão conciliar essas duas exigências: o esporte e a escola.

Referências bibliográficas

BETTI, Mauro. **Esporte na mídia ou esporte da mídia?** Motrivivência. 2002.

BOSSLE, Fabiano; OLIVEIRA, Lucas. **Entre a Formação na Escola e a Formação como Atleta de Futebol Profissional: Prioridades e**

Influências. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 1, p. 35-43, jan./jun, 2013.

BRETTSCHEIDER, Wolf Dietrich. **Risks and opportunities: adolescents in top -level sport: growing up with the pressures of school and training.** European Physical Education Review, v. 5, n. 2, p. 121-133, 1999.

CAVICHIOILLI, Fernando Renato; CHELUCHINHAK, Aline Barato; CAPRARO, André Mendes; MARCHI JUNIOR, Wanderley; MEZZADRI, Fernando Marinho. **O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.25, n.4, p.631-47, out./dez. 2011

CORREIA, Carlus Augustus Jourand; SILVA, José Cláudio Sooma; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Colégio Vasco da Gama: notas para pensar os entrelaçamentos das culturas escolares com as práticas esportivas.** PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 188-213, jan./mar, 2017.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.** Porto Alegre, 434p. Tese 13 (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

JUCHEM, Luciano. **Contribuições das Competições Esportivas para a Formação e Educação de Crianças e Jovens: O caso dos jogos escolares de Petrolina.** 252f. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do

Sul – Programa de Pós-graduação de Ciência do Movimento Humano, Porto Alegre, 2013.

LAHIRE, Bernard. Patrimônios Individuais de Disposições. **Para uma sociologia à escala individual. Sociologia, Problemas e Práticas**. N.º 49, p. 11-42. 2005.

LESSARD-HÉBERT, Michele; GOYETE, Gabriel; BOUTIN, Gérald. **Investigação qualitativa: Fundamentos e práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas**: São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Paula Xavier. **Impacto e processo de um projeto de educação pelo esporte no desenvolvimento infantil**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de Pós-graduação de Ciência do Movimento Humano, 2006.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; LIMA, Celiane Pereira; MORAES, Camila de; NUNOMURA, Myrian; SIMÕES, Elaine Cristina. **Formação de jogadores profissionais de Voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 28, n. 2, p. 293-304, 2014.

MILISTETD, Michel; MESQUITA, Isabel; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; SOUSA SOBRINHO, António Evanhoé Pereira de. **Concepções de treinadores “experts” brasileiros sobre o processo de formação desportiva do jogador de Voleibol**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.24, n.1, p.79-93, 2010.

NUNOMURA, Myrian; CARRARA, Paulo Daniel Sabino; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. **Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão!** Revista

Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.24, n.3, p.305-14, jul./set. 2010.

OLIVEIRA, Antonio Ribeiro de. **A Influência do esporte no rendimento escolar na opinião de alunos e professores da Escola Estadual Cora Coralina da cidade de Ariquemes – RO.** Monografia. Universidade de Brasília, Curso de Licenciatura em Educação Física – Polo de Ariquemes RO, 2012.

PAGGIARO, Patrícia Bergantin Soares; CALAIS, Sandra Leal. **Estresse e escolha profissional: um difícil problema para alunos de curso pré-vestibular.** Contextos Clínicos, 2(2):97-105, julho-dezembro, 2009.

SEVERO, Rita Cristine Basso Soares. **ENQUANTO A AULA ACONTECE: Práticas Juvenis (des) ordenando espaços e tempos escolares contemporâneos.** 197f. Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Porto Alegre – RS, 2014.

SOARES, Antonio Jorge; BARTHOLO, Tiago Lisboa; MELO, Leonardo Bernarde Silva de; BARROS, Fillipe Lemos de Paula; NETO, José Regato Brandi. Mercado, **Escola e a Formação de jogadores de futebol no Brasil** in: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador, 2009.

THOMASSIM, Luis Eduardo Cunha; STIGGER, Marco Paulo. **Super-oferta de projetos sociais esportivos: superando as imagens públicas idealizadas sobre essas ações.** SEMINÁRIO NACIONAL POLÍTICA & SOCIOLOGIA UFPR, v. 1, 2009.

THOMASSIM, Luis Eduardo Cunha. **O “Público-alvo” nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais.** 310 f. Tese (doutorado em Ciências do

movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, 2010.

TORRI, Danielle; ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. **Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.33, n.3, p. 499-512, set./dez. 2007.

VIANNA, José Antonio; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores.** Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.25, n.2, p.285-96, abr./jun. 2011.

VISSOCI, João Ricardo Nickenig; OLIVEIRA, Leonardo Pestillo; NASCIMENTO JUNIOR, José Roberto Andrade do; NAKASHIMA, Fernanda Soares; MACHADO, Wagner de Lara; CIAMPA, Antonio da Costa; CODONHATO, Renan; VIEIRA, Lenamar Fiorese. **Esporte é um contexto que possibilita emancipação ou colonização no processo de formação identitária?** Revista de Psicología del Deporte. 2017, Vol 27, Suppl 1, pp. 59-65